

# **OPUS SECTILE E A ROMANIZAÇÃO NA JUDEIA: UMA ANÁLISE COM BASE NO ACERVO DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA BÍBLICA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO**

## **OPUS SECTILE AND ROMANIZATION IN JUDEA: AN ANALYSIS BASED ON THE COLLECTION OF THE BIBLICAL ARCHEOLOGY MUSEUM OF THE ADVENTIST UNIVERSITY CENTER OF SÃO PAULO**

Dayana Oliveira Formiga<sup>1</sup>  
Sergio Henrique Micael Santos<sup>2</sup>  
Carina Pereira de Oliveira Prestes<sup>3</sup>  
Rodrigo Pereira Silva<sup>4</sup>

**RESUMO:** O acervo do Museu de Arqueologia Bíblica (MAB) do Centro Universitário Adventista de São Paulo, localizado em Engenheiro Coelho, São Paulo, inclui um mosaico com técnica *opus sectile* na área expositiva de longa duração. Esta técnica, datada do período romano, especialmente do final do 1º século a.C., representava uma forma de decoração sofisticada e tecnicamente complexa. Utilizado em vilas aristocráticas, templos e palácios, o recurso *opus sectile* simbolizava uma inovação artística em relação aos mosaicos tradicionais. Embora associado ao contexto romano, registros arqueológicos documentados por Ehud Netzer (2006) revelam a presença de pavimentos *sectile* em locais como Masada, Chipre, Jericó e Jerusalém. Este estudo visa analisar a técnica e os padrões dos pavimentos *sectile* romanos e herodianos, com especial atenção àqueles do Templo de Jerusalém, e avaliar a importância da reprodução desses pavimentos no MAB como recurso educativo e de pesquisa. A metodologia do estudo foi dividida em duas etapas: primeiramente, uma análise historiográfica dos mosaicos *opus sectile* romanos e das inovações herodianas, com base nas classificações de Federico Guidobaldi (2009), Ehud Netzer (2006; 2018) e Frankie Snyder (2020; 2021); em seguida, a investigação do processo de reprodução dos pavimentos herodianos no MAB e suas funções didáticas na introdução da teoria arqueológica e da cultura material à comunidade. Os resultados revelaram que Herodes, o Grande, destacou-se como um arquiteto inovador na

<sup>1</sup> Doutorado em História (USP). Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8934-076X> E-mail: [dayof35@hotmail.com](mailto:dayof35@hotmail.com)

<sup>2</sup> Mestrado em História (Unifesp). Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4939-711X> E-mail: [micaelsergio7@gmail.com](mailto:micaelsergio7@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutorado em Arqueologia (Andrews University). Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC). ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-9282-760X> E-mail: [carina.oprestes@unasp.edu.br](mailto:carina.oprestes@unasp.edu.br)

<sup>4</sup> Doutorado em Arqueologia (USP). Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC). ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-1033-790X> E-mail: [rodrigo.silva@unasp.edu.br](mailto:rodrigo.silva@unasp.edu.br)

antiguidade, promovendo a romanização ao adotar e adaptar técnicas romanas, como o *opus sectile*. Sua abordagem singular, evidenciada pelo uso do triângulo herodiano e variações em módulos quadráticos, deixou uma marca distintiva na arquitetura da sua época. A reconstrução do piso no Museu de Arqueologia Bíblica, não só avança o conhecimento sobre a arquitetura romana, mas também contribui para a preservação da identidade do Templo de Jerusalém, oferecendo um recurso didático de grande valor.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Opus Sectile*; Herodes, o Grande; Romanização na Judeia; Monte do Templo.

**ABSTRACT:** The Museum of Biblical Archaeology (MAB) collection at the Centro Universitário Adventista de São Paulo, located in Engenheiro Coelho, São Paulo, features a mosaic created using the opus sectile technique in its long-lasting exhibition area. This technique, dating back to the Roman period, especially the late 1st century BCE, represented a form of sophisticated and technically complex decoration. Present in aristocratic villas, temples, and palaces, opus sectile symbolized an artistic innovation compared to traditional mosaics. Although associated with the Roman context, archaeological records documented by Ehud Netzer (2006) reveal the presence of sectile floors in places such as Masada, Cyprus, Jericho, and Jerusalem. This study aims to analyze the technique and patterns of Roman and Herodian sectile floors, with particular attention to the floors of the Temple of Jerusalem, and to evaluate the importance of reproducing these floors at the MAB as an educational and research resource. The methodology of the study was divided into two stages: first, a historiographic analysis of Roman opus sectile mosaics and Herodian innovations, based on the classifications of Federico Guidobaldi (2009), Ehud Netzer (2006; 2018), and Frankie Snyder (2020; 2021); second, an investigation into the process of reproducing the Herodian floors at the MAB and their didactic functions in introducing archaeological theory and material culture to the community. The results showed that Herod the Great stood out as an innovative architect in antiquity, promoting Romanization by adopting and adapting Roman techniques such as opus sectile. His unique approach, evidenced by the use of the Herodian triangle and variations in square modules, left a distinctive mark on the architecture of his time. The reconstruction of the floor at the Museum of Biblical Archaeology not only advances knowledge of Roman architecture but also contributes to the preservation of the identity of the Temple of Jerusalem, offering a valuable educational resource.

**KEYWORDS:** *Opus Sectile*; Herod the Great; Romanization in Judea; Temple Mount.



10.23925/2176-4174.34.2025e68773

Recebido em: 21/10/2024.

Aprovado em: 01/01/2025

Publicado em: 14/01/2025.

## 1. Introdução

O acervo do Museu de Arqueologia Bíblica (MAB) do Centro Universitário Adventista de São Paulo, localizado em Engenheiro Coelho, São Paulo, possui um mosaico em sua área expositiva de longa duração, que reproduz uma reconstrução já situada na cidade de Davi e no Museu de Israel, em Jerusalém, empreendimento realizado pela arqueóloga Frankie Snyder<sup>5</sup>. O objetivo da reconstrução é ampliar a compreensão sobre os pavimentos herodianos e suas invenções inovadoras.

Na reconstrução do piso do Museu de Arqueologia Bíblica (MAB), foram empregadas as mesmas técnicas utilizadas na confecção de pisos romanos, buscando reproduzir o padrão estético atribuído a Herodes em suas construções. Essa iniciativa permitiu estabelecer um diálogo profícuo com a comunidade e o meio acadêmico a respeito da arqueologia do Antigo Oriente Próximo e as recentes descobertas na área do Templo de Jerusalém. Do mesmo modo, essa reconstrução viabilizou um recurso educativo e didático inovador para a exposição da cultura material romana, até então inédito em território nacional, particularmente no que diz respeito aos pisos *sectile* herodiano.

Além disso, considerando que se trata de um Museu de Arqueologia Bíblica, o benefício de uma reprodução como essa também contribui para a contextualização dos fragmentos e vestígios presentes no corpus bíblico. Essa abordagem oferece um panorama amplo e detalhado do ambiente cultural e material das sociedades antigas, especificamente no período do Segundo Templo (576 a.C. - 70 d.C.)<sup>6</sup>. Dessa forma, a reconstrução não apenas enriquece a compreensão estética e arquitetônica das edificações herodianas, mas também facilita uma compreensão mais profunda dos contextos históricos e culturais descritos nos textos bíblicos.

Sendo assim, este estudo organiza-se metodologicamente em duas etapas: na primeira, realiza-se uma análise historiográfica das recorrências de mosaicos romanos

---

<sup>5</sup> Os achados arqueológicos em Israel foram conduzidos pelo Temple Mount Sifting Project (TMSP), nos anos de 2005-2017. O monte de Jerusalém, palco das três principais religiões monoteístas do mundo (cristianismo, judaísmo e islamismo), é um local de difícil escavação pelas questões políticas e religiosas que envolvem o sítio. Contudo, em 1999 escavações ilegais foram realizadas, e mais de 9 mil toneladas de sujeira misturada a artefatos arqueológicos foram retiradas. Dessa forma, o objetivo do projeto foi peneirar (sifting) esses achados. Nesse processo, cerca de mais de 100 azulejos (no tamanho de um pé romano e coloridos) foram encontrados e datados como pertencentes ao período Herodiano (Dvira; Snyder, 2016). Para mais informações, consultar: The Temple Mount Sifting Project Website: <https://tmsifting.org/en/brief-introduction-to-the-project/>

<sup>6</sup> Enfatiza-se aqui que quando mencionamos *Segundo Templo* compreendemos o momento restrito à ocupação romana na região da Palestina, que data do ano 63 a.C., quando o general romano Pompeu Magno invade a cidade de Jerusalém.

(*opus sectile*) em sítios arqueológicos no Mediterrâneo, além das inovações herodianas no território da Judeia. Para tanto, utiliza-se a classificação e catalogação dos pavimentos *sectile* fornecidas pelo arqueólogo italiano, Federico Guidobaldi (2009), bem como os estudos de Ehud Netzer (2006; 2018) e Frankie Snyder (2020; 2021) acerca da compreensão dos pavimentos herodianos. Assim, foram analisados e comparados pavimentos *sectile* geométricos policromados e quadráticos de sítios arqueológicos nas regiões de Pompeia, Herculano, Óstia e Roma, com achados de *opus sectile* na Judeia, como em Masada, Jericó, Chipre, Herodium, Banias, Tiberias, com especial atenção aos fragmentos de pisos *sectile* do Templo de Jerusalém.

Na segunda etapa, aborda-se o processo de reprodução do piso herodiano localizado no MAB. Para Bittencourt, a análise histórico-cultural realizada por meio da cultura material permite vislumbrar o passado de maneira abrangente. Segundo suas palavras, "examinar o objeto significa superar a invisibilidade irreversível do passado" (2000-2001, p. 152). Rede (2012) também enfatiza que a imaterialidade dos objetos possui igual relevância, uma vez que se relaciona com os valores, as crenças e ideias subjacentes à sua produção e uso. O autor argumenta que os objetos materiais funcionam como "portais" que nos permitem acessar a imaterialidade da cultura. É por meio desses objetos que se torna possível compreender as diversas formas de pensar e agir de um povo ao longo da história.

Nas civilizações grega e romana, os mosaicos desempenharam um papel fundamental na decoração de residências, templos, palácios, colégios e outros espaços (Dunbabin, 1999). Seu desenvolvimento atravessou diversas fases, que podem ser identificadas tanto pelo uso dos materiais (mármore, pequenas pedras, vidros etc.) quanto pelas técnicas empregadas na confecção. Na historiografia dos mosaicos, os *opus sectile* representam um significativo avanço decorativo romano, pois utilizavam materiais mais caros e exigiam uma técnica extremamente refinada em sua execução (Dunbabin, 1999; Fisher, 1971; Snyder, 2020).

Quanto à estrutura textual deste estudo, essa se divide da seguinte forma: primeiramente, apresenta-se a recorrência de *opus sectile* no período romano, com o objetivo de compreender a catalogação e os padrões geométricos dessa técnica; em seguida, discute-se o processo de romanização arquitetônica na região da Judeia, promovido por Herodes, o Grande, com vistas a identificar possíveis inovações nos mosaicos e pavimentos *sectiles* romanos em seu domínio. Por fim, realiza-se uma

análise da reprodução dos tipos de piso *sectile* do Segundo Templo, expostos no Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP, em colaboração com a Universidade de Bar-Ilan e a arqueóloga Frankie Snyder. Participaram deste trabalho os pesquisadores do Núcleo de Divulgação Científica do Museu de Arqueologia Bíblica.<sup>7</sup>

## 2. A recorrência de *opus sectile* no período romano

### 2.1 Uma visão geral sobre a técnica *opus sectile*

A utilização de mosaicos nas construções arquitetônicas remonta a vários séculos de história. Presentes em quase todas as civilizações, tanto ocidentais quanto orientais, os mosaicos desempenhavam um papel significativo na ornamentação artística de pavimentos em residências, templos e até mesmo palácios inteiros (Dunbabin, 1999). Um dos mais antigos registros dessa técnica ornamental encontra-se em uma decoração sumeriana de parede na cidade de Uruk-Warka, datada do 4º milênio a.C. (ibid., 1999, p. 5)<sup>8</sup>. No entanto, é na Grécia, entre o 5º e 3º séculos a.C., que os mosaicos se difundem amplamente, ganhando novos padrões, novas representações iconográficas e novas técnicas distintas e originais (Fischer, 1971; Westgate, 2000). Dessa forma, ao se falar em mosaicos, faz-se referência a uma ornamentação que pode apresentar um padrão geométrico ou uma imagem que represente alguma divindade, uma figura de importância ou mesmo cenários variados (Fisher, 1971).

Nos primórdios da criação dos mosaicos, eles eram predominantemente feitos com pequenas pedras coloridas (conhecidas como *pebbles*). Contudo, com o desenvolvimento de novas técnicas, como a utilização de *tessera*<sup>9</sup>, diversos materiais,

<sup>7</sup> Pedro Henrique Rodrigues da Silva, Thiago Bernabé Abdala e Ygor Lebrank de Melo.

<sup>8</sup> Alguns teóricos não consideram que os cones encontrados em Uruk-Warka possam ser categorizados como mosaicos. No entanto, Dunbabin (1999, p. 5) postula que as manifestações mosaicas podem ser datadas de períodos muito anteriores, remontando ao Neolítico, marcado pela presença de pavimentos coloridos formados por pedras dispostas em argila. Para mais informações, consultar: Berlin, V.; Mann, G., Untersuchungen zur Komposition der Stiftemosaiken an der Pfeilerhalle der Schicht IV a in Uruk-Warka. Berlin: Bam Beiheft, 1968; North, R. Status of Warka Excavation. Nova Series, v. 26, n. 3, 1957.

<sup>9</sup> Conhecida também como técnica de seixos, trata-se de um revestimento que foi encontrado no território da Grécia clássica, particularmente na área do mar Egeu. Os mosaicos de tessera eram usados como espécies de tapetes, mas, ao contrário destes, possuíam maior resistência ao tráfego de pedestres e também desempenhavam uma função de impermeabilização. Eram primordialmente confeccionados a partir de cortes de mármore e calcário. Na época romana, entre o 3º e 4º séculos a.C., começou a ser fabricado o chamado tessera de smalto, ou vidro colorido. A transição para o material de vidro foi realizada a fim de se conseguir tons mais puros de vermelho, azul e verde (que não eram possíveis com as tesselas de pedra). Para mais informações, consultar: Angelelli, C. Mosaico. In TESS - Floor Classes, 2016 (<http://tess.beniculturali.unipd.it/web/terminologia-e-definizioni/classi-pavimentali/mosaico/>).

como vidro, azulejos e outros materiais líticos, além de conchas, passaram a ser empregados na confecção dos mosaicos (Angelelli, 2016; Dunbabin, 1999; Fisher, 1971; McClendon, 1980). Esses materiais eram cortados, moldados e organizados nos pisos e paredes das edificações.

Uma das técnicas que ganhou destaque no período helênico e que se revela de principal interesse para nossa pesquisa, foi o *opus sectile*. Trata-se de uma técnica romana presente principalmente em pisos<sup>10</sup>, mas também com algumas recorrências em paredes (McClendon, 1980; Dunbabin, 1999; Westgate, 2000; Netzer, 2006; Snyder, 2020). Snyder (2021, p. 1) define *opus sectile*, do latim “obra cortada” como “[...] técnica de pavimentação de pisos e paredes em padrões geométricos ou cenas figurativas utilizando ladrilhos de pedra policromada meticulosamente cortados e polidos<sup>11</sup>” (tradução nossa)<sup>12</sup>. Suas práticas são datadas e localizadas geograficamente no Império Romano, sobretudo no 2º século a.C., nas cidades de Pompeia, Herculano, Óstia, Roma e outras (Dunbabin, 1999; Netzer 2006).

A recorrência de *opus sectile* não era amplamente difundida no mundo romano, visto que seu uso era restrito a uma parcela nobre da sociedade. Nesse sentido, Snyder (2020, p. 119) postula que eles “[...] eram tipicamente utilizados em vilas e palácios importantes, especialmente naqueles em que o proprietário recebia convidados, tais como *triclinium*<sup>13</sup>, casa de banho e grandes salões de recepção<sup>14</sup>”. Portanto, não se tratava de um simples mosaico, pois era considerado muito mais prestigioso e exigia uma técnica mais elaborada e dispendiosa em sua confecção (Snyder, 2021).

Embora se reconheça que essa técnica arquitetônica de padrões geométricos em ladrilhos de pedra fosse utilizada em residências elitizadas, seu uso em Jerusalém era atípico. Como bem pondera Coussens (2014, p. 71): “[...] A técnica parece ter sido bastante rara entre a elite de Jerusalém. Os únicos exemplos da Cidade Alta são os azulejos e forros da Área M (o Edifício Peristilo) e quatro ou cinco azulejos perdidos

<sup>10</sup> Fisher (1971) e Dunbabin (1999) afirmam uma maior predominância de *opus sectile* em pisos. No decorrer do período bizantino, a técnica passou a ser mais utilizada em paredes.

<sup>11</sup> “Opus sectile (Latin “cut work”) is a technique for paving floors and walls in geometric patterns or figurative scenes using meticulously cut and polished polychrome stone tiles”.

<sup>12</sup> Como todas as citações seguidas do texto de origem em nota de rodapé foram traduzidas pelos autores deste trabalho, apenas na primeira indicamos “nossa tradução”.

<sup>13</sup> Triclinium era uma sala de jantar formal em um edifício romano.

<sup>14</sup> “[...] were typically used in important villas and palaces, especially those where the owner entertained guests, such as triclinia, bathhouses and grand reception halls”.

encontrados na Casa Queimada (Área B)<sup>15</sup>. Os exemplares arqueológicos de mosaicos de *opus sectile* encontrados em Jerusalém, embora não sejam estritamente de Herodes, pertencem a residências particulares que faziam parte da classe elitizada de Jerusalém, possivelmente da aristocracia do período herodiano (Roller, 1998, p. 180-181).

Os materiais utilizados na elaboração das técnicas eram compostos por mármore extremamente exóticos, como o *giallo antico* (mármore de coloração amarelada, empregado tanto por africanos<sup>16</sup> como por romanos), e o *porphyry* vermelho (granito raro encontrado nos desertos do Egito), entre outros materiais de difícil acesso (Dunbabin, 1999),<sup>17</sup> os quais eram transportados até as cidades romanas para serem trabalhados (Fisher, 1971). Em linhas gerais, Dunbabin (1999, p. 254) sintetiza que:

A técnica era amplamente apreciada no mundo romano, em parte pelo valor intrínseco dos materiais, que refletiam o entusiasmo geral por mármore exóticos e pedras afins, e, em parte, pela sua complexidade que exigia grande virtuosidade dos artesãos. As decorações feitas com essa técnica eram mais prestigiadas que os mosaicos normais; é bastante comum encontrar os mais suntuosos salões de recepção em residências abastadas pavimentados com *opus sectile*, enquanto o mosaico era reservado para áreas secundárias ou menos públicas<sup>18</sup>.

---

<sup>15</sup> “[...] The technique seems to have been fairly rare among the Jerusalem elite. The only examples from the Upper City are the tiles and bedding from Area M (the Peristyle Building) and four or five stray tiles found in the Burnt House (Area B)”.

<sup>16</sup> Conforme mencionado, as técnicas de mosaico não se restringiram exclusivamente ao ambiente helênico, uma vez que alguns materiais utilizados na confecção de mosaicos estavam disponíveis apenas nos países africanos, especialmente no Norte da África. Deza (2006, p. 153), comenta, nesse contexto, sobre a cidade de Cirene, reconhecida como um local de contato grego que, posteriormente, no 1º século a.C., passou por um processo de “romanização”, embora de maneira gradual e lenta. Em Cirene foram descobertos padrões de Opus sectile. Para mais informações, consultar: Deza, I. G. Revisión de dos pavimentos de Opus sectile de Italica. Romula, v. 5, p. 149-166, 2006.

<sup>17</sup> Dunbabin (1999, p. 255) acrescenta: “Among the more exotic materials are the four species of alabaster used in combination with africano and pavonazzetto in the pavement of a cryptoporticus, originally eighty metres long by seven metres wide, in the Horti Lamiani, part of the imperial residence and gardens on the Esquiline Hill in Rome” [Entre os materiais mais exóticos estão os quatro tipos de alabastro empregados, em combinação com o mármore africano e o pavonazzetto, no pavimento de um criptopórtico, originalmente com oitenta metros de comprimento por sete metros de largura; também no Horti Lamiani, parte da residência imperial e dos jardins do Monte Esquilino em Roma]. Vale ressaltar que havia também a elaboração de pavimentos sectile por meio de materiais com pedras moles ou escamosas, como a ardósia, o calcário e o xisto (Angelelli, 2016; Dunbabin, 1999, p. 255).

<sup>18</sup> “The technique was highly appreciated in the Roman world, in part because of the intrinsic value of the materials, reflecting the general enthusiasm for exotic marbles and related stones, in part because of its difficulty and the virtuosity of the craftsmen. Decorations in this technique were more prestigious than regular mosaic; it is fairly common to find the grandest reception rooms in a wealthy house paved in opus sectile, while mosaic covers the secondary or less public areas”.

Assim, o processo de desenvolvimento do *opus sectile* era extremamente refinado e de acesso restrito à camada popular, tanto na Roma antiga quanto em outras civilizações que adotaram essas técnicas, em um fenômeno conhecido como "romanização" (Netzer, 2006).

No que concerne aos traços arquitetônicos, os mosaicos de *opus sectile* eram frequentemente confeccionados a partir de pequenas lajes (*parvolis crete crustis*), com dimensões modulares que não ultrapassaram 30 centímetros (aproximadamente o tamanho de um pé romano). Em virtude da predominância de pavimentos elaborados com mosaicos convencionais, os módulos de *opus sectile* eram geralmente de dimensões reduzidas, seguindo um padrão semelhante aos dos *tesserais*. Entretanto, também existiam módulos de tamanho médio ou mesmo grande, como observado no Templo de Concordia (1º século a.C.) e no Fórum de Augusto (1º século a.C.), onde os pavimentos *sectile* apresentavam módulos de até 120 cm (Angelelli, 2016; Dunbabin, 1999; Guidobaldi, 2009).

De maneira geral, os módulos "se repetiam em uma ou duas direções" (*Ibidem.*, 2016)<sup>19</sup>, com exceção de um pequeno grupo de pavimentos que, na maioria das vezes, apresentava painéis distintos, como desenhos florais ou formas geométricas variadas, como losangos, triângulos, estrelas e outros elementos<sup>20</sup> (Dunbabin, 1999). As cores eram aplicadas de forma contrastante, abrangendo tonalidades como acinzentado, branco, amarelo, vermelho rubro e outras. Snyder (2020, p. 121) afirma que: "[...] uma faixa estreita ou faixas de cor ou cores contrastantes delimitavam a borda entre um painel decorativo interno e o fundo de mosaico branco mais simples"<sup>21</sup>.

## **2.2 A invenção dos módulos quadráticos nos pavimentos *sectilia* romanos**

No início do 1º século d.C., durante o reinado do Imperador Augusto (37 a.C. - 14 d.C.), intensificou-se o desenvolvimento técnico do chamado "módulo quadrado",

---

<sup>19</sup> Todas as citações da pesquisadora Angelelli estão incluídas no acervo de Informações retiradas do Sistema informatizado de catalogação de Pisos Antigos (TESS): Angelelli, C. *Opus sectile. In TESS - Classi pavimentali*, 2016 (<http://tess.beniculturali.unipd.it/web/terminologia-e-definizioni/classi-pavimentali/opus-sectile/>).

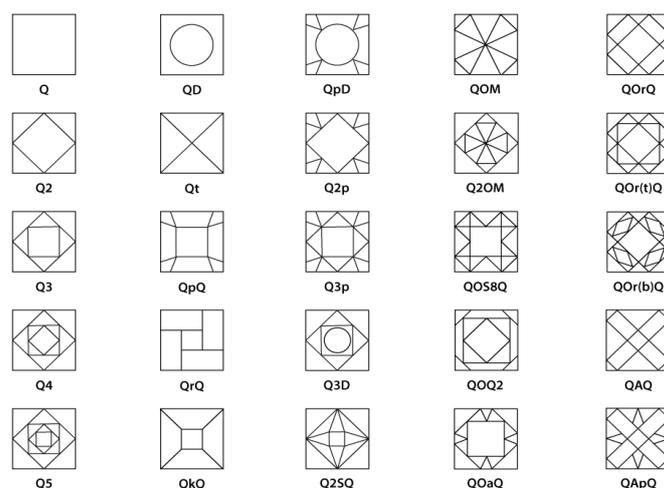
<sup>20</sup> Como exemplo, temos a *Casa dell'Efebo* em Pompeia, na qual um dos pavimentos *sectile* de padrão modular repetitivo em Q3, possui no centro um painel que quebra a repetição com um complexo floral de peças de vidro azuis, verdes e vermelhas cortadas (Dunbabin, 1999, p. 256).

<sup>21</sup> "[...] a narrow strip or strips of a contrasting colour or colours demarcated the border between an inner decorative panel and the simpler white mosaic background".

caracterizado por pisos compostos por azulejos quadrados, os quais podiam ser confeccionados em diversas formas, incluindo quadrados dentro de outros quadrados<sup>22</sup>. É também nesse período que o uso de mármore, sobretudo os exóticos, foi reforçado (Angelelli, 2016; Dunbabin, 1999). De acordo com Suetônio (2007, p. 70), escritor latino, Augusto, ao avaliar seu governo afirmou: “Achei Roma uma cidade de tijolos e deixei-a uma cidade de mármore”.

Ademais, Angelelli (2016) comenta que esses módulos eram “[...] articulados de forma policromada com vários elementos de mármore dispostos segundo um desenho repetitivo e que, justapostos, formavam padrões mais complexos que camuflavam a malha quadrada básica [...]”<sup>23</sup>. Guidobaldi (2003), um dos principais estudiosos dos pisos *sectile*, estabeleceu uma tabela classificando as diversas formas geométricas modulares quadráticas, conforme ilustrado abaixo (Figura 1).

**Figura 1-** Tabela de pavimentos *sectile* com módulos quadráticos



**Fonte:** Guidobaldi, 2013, p. 30.

### 2.3 Sítios arqueológicos romanos com presença de módulos quadráticos em *sectile*

<sup>22</sup> Dunbabin (1999, p. 269) também observa que nesse período, as casas ricas de aristocratas passaram a ocupar mais espaços dos pisos com *opus sectile* do que com mosaicos comuns de *tessera* ou pavimentos de *signinum*. Ela afirma: “The use of small base elements mostly disappeared in the course of the first century AD, while pavements using large elements (dependent on the availability of larger marbles) made their appearances” (*ibidem*, p. 259).

<sup>23</sup> “[...] ciascuna delle quali articolate a commesso policromo di vari elementi marmorei composti secondo un disegno ripetitivo e che, giustapposte, formavano disegni più complessi che mimetizzavano la maglia quadrata di base, come nel caso dei *sectilia* della villa romana di Tarquinia e della Casa degli Affreschi a Luni, di età giulio-claudia” (Angelelli, 2016).

Nas décadas de 1960 a 1970, vários sítios arqueológicos foram descobertos apresentando padrões quadráticos (Dunbabin, 1999; Guidobaldi, 2009). Entre os sítios mais significativos, que revelam recorrências de *opus sectile* durante o período herodiano, destacam-se Tivoli, Roma, Óstia, Pompeia e Herculano. Embora não seja nosso objetivo explorar exaustivamente cada um desses sítios, é importante observar que os padrões Q3, Q4, QOM, Q2SQ<sup>24</sup>, presentes no Piso do Templo de Jerusalém e em outras construções herodianas, também eram amplamente encontrados em vilas aristocráticas romanas (Angelelli, 2016; Snyder, 2021).

A *Casa Dell'Efebo*, em Pompeia, por exemplo, destacava-se pela alta presença de pisos com padrões Q3 e emblemas florais, localizados especialmente no *triclinium*<sup>25</sup>. A *Casa dei Cervi* em Herculano, por outro lado, não apenas apresentava padrões comuns como Q1, Q2, Q3, Q4, mas também incluía padrões mistos, como o QOM (quadrado com cataventos) e o chamado Q2SQ (um piso Q2 com uma estrela de quatro pontas no centro)<sup>26</sup>. Em muitas dessas *domus* (designação romana para as casas), os pisos de *opus sectile* eram encontrados em *cubiculum* (quartos), salas de jantar (*triclinium*) e também em casas de banho - ambientes mais privados (Snyder, 2021; Wallace-Hadrill, 1994).

É notável o uso desses módulos em templos, escolas e outros locais públicos e religiosos. De fato, a utilização dos mosaicos não apenas indicava o luxo das elites, mas também acompanhava representações iconográficas mitológicas<sup>27</sup> (Wallace-Hadrill, 1994). A Casa de Diana, em Óstia, serve como um exemplo pertinente. Descoberta entre 1914 e 1916, este edifício datado de 160 d.C., era composto por 30 quartos, pátios, salas e banheiros, e apresentava uma recorrência de *opus sectile* com

---

<sup>24</sup> Os achados de *opus sectile* no Templo de Jerusalém possuíam um padrão diferente da tabela de pavimentos proposta por Guidobaldi (2003), visto que se tratava de um padrão Q3 com uma estrela de quatro pontas.

<sup>25</sup> A *Casa Dell'Efebo*, segundo Guidobaldi (2012, p. 284), começou a ser construída desde o período tardio dos Samnitas (povo indo-europeu seminômade), entre o 3º e 4º séculos a.C. Mas o *opus sectile* com mármore em módulos quadráticos surge apenas no 1º século d.C. Conforme Guidobaldi (2012, p. 289) postula: "During the third quarter of the first century C.E. an important redecoration phase can be seen in the Telephus area. [...] Room (24) was in fact redecorated with a marble opus sectile floor while the lower part of the walls were clad with precious marbles, above which were wall paintings made up of horizontal bands with geometrical motifs and masks".

<sup>26</sup> Havia também entre os padrões geométricos, figuras de triângulos equiláteros (60º-60º-60º), que vão ser modificados depois na arquitetura herodiana. Dunbabin (1999, p. 258) ainda afirma que era comum que em: "In more elaborate pavements, the square may contain disks, triangles, stars, or points, in various combinations, repeated in contrasting colours".

<sup>27</sup> Wallace-Hadrill (1994, p. 158) afirma que: "Whatever the economic activity, the houses with atria have at least some surviving decoration, and on average in a large number of rooms (8 per house); mosaics and mythologicals are common".

padrão geométrico Q3 na sala 25, onde, muito provavelmente, existia uma sala de jantar aberta<sup>28</sup>. Outros exemplos que podem ser citados incluem o Colégio de Augustales<sup>29</sup>, o Palazzo Valentini<sup>30</sup> e a *Domus di Amore e Psiche*<sup>31</sup>.

Considerando a recorrência do *opus sectile* nos sítios arqueológicos romanos supracitados, é pertinente questionar o alcance desta técnica em outras regiões. A elaboração dos pavimentos de *sectile*, conforme apontam Dunbabin (1999) e Snyder (2021), dependia de uma vasta rede comercial que envolvia nações circunvizinhas, responsáveis pelo fornecimento de mármore exóticos e outros materiais essenciais. Desse modo, a influência romana, em termos culturais, arquitetônicos, políticos e religiosos, expandiu-se amplamente para diversas regiões.

Embora o Império romano conquistasse novos territórios por meio de campanhas militares eficazes, sua dominação não se restringia ao uso da força. Após a conquista, os romanos promoviam a integração das regiões subjugadas por meio de um processo gradual e estratégico, que incluía a construção de infraestruturas como estradas, aquedutos, templos e banhos públicos (Jacobson, 2001).

---

<sup>28</sup> Para mais informações, consultar: Regio I - Insula III - Caseggiatom di Diana (I,III,3-4) (Casa de Diana) <https://www.ostia-antica.org/regio1/3/3-3.html>

<sup>29</sup> O colégio de Augustales era uma ordem cívica de libertos encarregados de organizar o culto imperial. Construído em Herculano, por volta do 1º século d.C., o colégio também representa uma homenagem para o Imperador Augusto. Repleto de várias salas e quartos, na ala sul é possível encontrar pavimentos de *opus sectile* padrão Q4. Wallace-Hadrill (1994) destaca a íntima relação entre os mosaicos e as pinturas mitológicas, ao citar o colégio de Augustales que conseguia conjugar pinturas na parede, representando cenas de Hércules ao lado de Júpiter e Minerva; no chão, mosaicos simples e pavimentos de *opus sectile*. Para mais informações, consultar: Herculaneum VI.21. Sede degli Augustali or Hall of the Augustales, linked to side entrance at VI.24 - <https://herculaneum.uk/Ins%206/Herculaneum%206%2021%20p2.html>.

<sup>30</sup> Domus do Palazzo Valentini, datada em torno de 125 d.C., inclui três áreas arqueológicas: (1) as salas representativas da Domus, onde o mestre da casa recebia seus convidados; (2) o setor das Termas que ficava dentro de uma das domus; (3) os restos de um edifício público, talvez um templo dedicado pelo imperador Adriano a Trajano e Plotina Divi, ou seja, falecidos e divinizados. As recorrências de *opus sectile* são mapeadas no setor *domus* B, onde podem ser encontrados padrões quadráticos Q4. No setor das Termas também se encontram pavimentos inteiros de *opus sectile*, mas com desenhos florais e formas geométricas mais circulares. Para mais informações, consultar: Baldassarri, P; Napoli, L. Palazzo Valentini: Archaeological discoveries and redevelopment projects. *Frontiers of Architectural Research*, v. 4, n. 2, p. 91-99, 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2095263515000126#s0025>.

<sup>31</sup> Datada no 2º século d.C. a *Domus di Amore e Psiche* era uma propriedade muito provavelmente pertencente a um dos sacerdotes de Hércules, que possuía um templo ao sul da casa. Os mosaicos *opus sectile* e outros mosaicos também estão presentes nas salas B, C e E. Assim, na sala B, temos mosaicos com padrões policromados, mais semelhantes a *pebble*. Na sala C, aparecem os primeiros *opus sectile* com padrões geométricos circulares e com desenhos florais. Por fim, na sala E, temos a estátua *di Amore e Psiche* rodeada por padrões quadráticos Q3 de *opus sectile*, com módulos médios (aproximadamente do tamanho de 2 a 3 pés romanos). Para mais informações, consultar: Regio I - Insula XIV - Domus di Amore e Psiche (I,XIV,5) (Casa do Cupido e da Psique) - <https://www.ostia-antica.org/regio1/14/14-5.html>.

Esse processo de assimilação cultural, amplamente conhecido pelos historiadores como “romanização” (Marshak, 2015), facilitou a adoção de práticas e valores romanos pelas diversas províncias conquistadas. No próximo tópico, examinaremos como o processo de “romanização” promovido por Herodes, o Grande, na Judeia, impulsionou não apenas a implementação, mas também a inovação dos pavimentos de *sectile* romanos.

### 3. Opus sectile Herodiano

#### 3.1 O Governo de Herodes, *rex sociusque et amicus* de Roma

A história e a arqueologia têm revelado que, apesar da imagem “cruel” do rei judeu Herodes, conforme retratada nos evangelhos, ele também desempenhou o papel de benfeitor em muitos aspectos de sua governança, destacando-se, em particular, por sua maestria arquitetônica. Roller (1998) destaca que o ponto alto do governo de Herodes ocorreu por volta do ano 20 a.C., quando ele iniciou a reconstrução do Segundo Templo e fez sua primeira visita oficial a Roma como “Rei da Judeia”.

Neto de Antipas, um nobre idumeu convertido durante as expansões militares de João Hircano I e seu filho Aristóbulo,<sup>32</sup> Herodes se tornou governador do território de Israel, já anexado à tardia República Romana, quando seu pai, Antípatro, consolidou seu nome e o de seu irmão, Fasaél, nomeando-os tetrarcas, respectivamente, da Galileia e de Jerusalém. O título de “rei dos judeus”, entretanto, foi concedido a Herodes apenas após conquistar o favor de Marco Antônio. Com o apoio do cônsul romano, Herodes conduziu campanhas militares bem-sucedidas de reconquista na Galileia, em 39 a.C. e, em Jerusalém em 37 a.C., onde enfrentou a resistência asmoneia (Armstrong, 2011; Holzapfel, 1996).

---

<sup>32</sup> Parte das expansões militares dos reis-sacerdotes asmoneus envolvia a conversão e circuncisão forçada dos povos conquistados. Segundo Marshak (2015, p. 56): “Hyrcanus’s sons, Judah Aristobulus I and Alexander Jannaeus, continued their father’s policy of expansion. Aristobulus conquered and annexed a large portion of Ituraea and instituted a policy of circumcision, which probably resembled his father’s policy in Idumaea”. Para ser membro da família de Herodes, os “não judeus” precisavam submeter-se ao ritual de circuncisão. Conforme descrevem Regev (2010) e Zeitlin (1963), Herodes exigiu que Syllaeus, o árabe prometido à sua irmã Salomé, adotasse os costumes judaicos, mas ele recusou-se. Adicionalmente, há uma discussão sobre a questão étnica de Herodes. Zeitlin (1963) aponta que, embora alguns historiadores considerem Herodes um idumeu convertido ao judaísmo, tal descaracterização étnica de Herodes estaria mais relacionada à aversão que ele despertou nos judeus, ao aniquilar a dinastia asmoneana, do que propriamente à sua linhagem idumeia. O autor ainda sugere que o título “idumeu” nos escritos de Flávio Josefo, deve ser entendido como um termo geográfico, e não racial.

Em decorrência desses eventos, Herodes, além de receber a célebre alcunha de “rei dos judeus”, foi agraciado pelo senado romano com o título de *rex sociusque et amicus* de Roma, frequentemente traduzido por eruditos como “rei-cliente” (Marshak, 2015, p. 5). Diante das dificuldades enfrentadas para estabelecer seu domínio sobre as regiões conquistadas, Marshak (2015, p. 5) observa que:

[...] Roma muitas vezes se apoiava em alianças entre si e essas monarquias semi-independentes. Essas relações eram fundamentadas na diplomacia e na “amizade” (*amicitia*) associadas à dependência política. Em outras palavras, Roma governava indiretamente por meio de seus aliados, que, embora mantivessem alto grau de autonomia, permaneciam, em última análise, subordinados a Roma e ao Senado.<sup>33</sup>

Marshak (2015, p. 5) destaca quatro funções do rei-cliente: (1) aplicar a lei para promover a paz e estabilidade do estado romano e de suas fronteiras; (2) apoiar seus patronos romanos, tanto econômica quanto politicamente; (3) escolher cidadãos como patronos; e (4) fomentar e promover o processo de romanização. Nesse contexto, o governo de Herodes, até sua morte no 4º século a.C., foi marcado por um momento de transição política, econômica e cultural na Judeia (Jacobson, 2001). Contudo, Schama (2015), em contraste com as visões ortodoxas, descreve esse período como uma *pax herodiana*, em um sentido positivo, ressaltando a ausência de insurreições contra o principado e florescimento da relevância de Jerusalém em seu cenário geográfico, o qual foi interrompido apenas pelos governadores subsequentes.

Além da *pax romana*, concernente à primeira função enfatizada por Marshak (2015), a romanização é um dos aspectos mais proeminentes nos estudos sobre a figura de Herodes e suas repercussões ao povo israelita. A romanização consistia em uma medida implementada pelos reis-clientes para introduzir inovações na cultura nativa, por meio da inserção de padrões culturais romanos, na qual o governante se tornava o elo dessa ligação (*Ibidem*, 2015).

Neste sentido, Regev (2010) sugere que o propósito de Herodes era reconciliar a identidade romana e judaica, inspirando-se no modelo de Augusto (27 a.C. - 14 d.C.), fundador do Império Romano. Assim, Herodes é considerado um dos maiores

---

<sup>33</sup> “[...] Rome often relied on alliances between itself and these semi-independent monarchies. These relationships were founded on diplomacy and “friendship” (*amicitia*) married to political dependence. In other words, Rome ruled indirectly through its allies, who, while maintaining large degrees of autonomy, were still ultimately accountable to Rome and the Senate.”

entusiastas da cultura greco-romana, ao mesmo tempo em que promovia os interesses judaicos na Palestina (*Ibidem*, 2010).

A romanização herodiana, portanto, representava uma continuidade, embora inovadora, da cultura local a partir da perspectiva romana. Era necessário, portanto, um modelo que permitisse à identidade romana florescer, sem negar as identidades judaica e helenística (Coussens, 2014, p. 38; Marshak, 2015, p. 20).

Roller (1998) é ainda mais preciso ao caracterizar a romanização promovida por Herodes. Segundo o autor, Herodes manteve forte influência helênica, principalmente nas construções do perímetro urbano e nos centros com pórticos. O rei da Judeia recebeu uma educação grega, e aprendeu a governar sob a tutela de reis helênicos, como Antípatro e Hircano II. De forma semelhante, Coussens (2014, p. 35) e Tognini (2009, p. 139) consideram o rei-cliente Herodes um entusiasta e mobilizador do partido helênico em Jerusalém. No entanto, o programa de construção herodiano não menosprezava os elementos romanos; ao contrário, tratava-se de um projeto que delimitava a transição das formas helênicas para as romanas (Roller, 1998; Weiss, 2014). Logo, o padrão romano constitui a principal influência nos projetos de construção herodianos (Marshak, 2015).

De acordo com Regev (2010), as obras mais expressivas de Herodes incluem a esplanada do Templo do Monte e o porto de Cesareia. Além disso, ele foi responsável pela construção das três torres: Hípico, Fasael e Mariana; da Fortaleza Antônia; de um suntuoso túmulo herodiano; bem como de um teatro<sup>34</sup> e de um aqueduto na cidade de Jerusalém (Jeremias, 2010). O padrão arquitetônico herodiano é, portanto, atribuído aos métodos e técnicas que Herodes aplicava em suas construções, que envolviam a importação massiva de materiais variados, contemplando desde os revestimento dos pisos até os afrescos e arcos romanos. Seu projeto de construção era criativo e adaptável ao ambiente local, permitindo o redimensionamento das técnicas romanas para aplicação nas estruturas da Judeia (Weiss, 2014, p. 100).

### 3.2 *Opus Sectile* Herodiano

---

<sup>34</sup>Jerusalém e Cesareia foram os dois únicos lugares onde Herodes erigiu grandes construções públicas para entretenimento (Weiss, 2014, p. 99).

Nesse contexto, uma das características marcantes da arquitetura herodiana é o uso de mosaicos, que podem ser encontrados predominantemente em três tipos: “(1) *opus sectile*; (2) padrões geométricos em preto e branco; e (3) padrões geométricos policromáticos” (Marshak, p. 290, 2015).<sup>35</sup>

A técnica romana de *opus sectile*, conforme discutido anteriormente, foi desenvolvida no final da República Romana e introduzida na Judeia por meio de Herodes, o Grande (*Ibidem*, 2015). Diferentemente de outros tipos de mosaicos já empregados em algumas regiões de Israel, como Tel Anafa, Tel Dor e nos palácios asmoneus em Jericó (Talgam; Peleg, 2006), a adoção dessa técnica por Herodes contrasta com as tradições nativas de construção na Judeia, no final do 1º século a.C. Esse contraste evidencia o desejo de Herodes de integrar seu reino ao emergente mundo romano.

Esse fenômeno foi identificado por meio dos vestígios de quantidades significativas de *opus sectile* em escavações arqueológicas realizadas nas áreas de construção atribuídas a Herodes. As evidências geralmente consistem em impressões dos ladrilhos na argamassa, pequenos fragmentos ou peças inteiras *in situ* (Snyder, 2021). No entanto, ao se comparar essa quantidade significativa com o total utilizado por Herodes, ela representa apenas uma fração. Snyder (2021) atribui isso a uma prática de reciclagem comercial.

Devido ao elevado custo, alguns formatos padrão (os mais recorrentes) podiam ser reutilizados, sendo removidos de um local e exportados para outro.<sup>36</sup> Assim, em sítios onde apenas pequenos ladrilhos dispersos foram encontrados, os arqueólogos tiveram que lidar, nas palavras de Snyder (2021, p. 1), com o “enigma do quebra-cabeça” (*picture-puzzle enigma*). Essa metáfora ilustra a complexidade do trabalho dos arqueólogos, que precisam imaginar o quadro completo, a partir de apenas 1% das peças e sem a referência da imagem original.

### 3.2.1 Masada, Jericó, Chipre e Herodium: o triângulo herodiano

No monte atualmente denominado Masada (derivado da palavra hebraica *metzuda* para fortaleza), Herodes empreendeu, provavelmente, três fases significativas de construção, marcadas pela edificação de diferentes palácios e de um

<sup>35</sup> “(1) *opus sectile*, (2) black and white geometric patterns, and (3) polychrome geometric patterns.”

<sup>36</sup> Ao se utilizar mármore de segunda mão, podia-se economizar cerca de 70% se comparado ao preço de ladrilhos novos (Snyder, 2021 *apud* Baker, 2012).

complexo arquitetônico (Netzer, 2018). Concernente ao uso de *opus sectile*, Snyder (2021, p. 5) destaca que “[...] na Grande Casa de Banho<sup>37</sup>, adjacente ao Palácio Norte em Masada, foram descobertas evidências de ladrilhos de *opus sectile* [...] em três ambientes”<sup>38</sup>. São eles: (1) No *tepidarium*, as impressões dos ladrilhos denotam o padrão Q2; (2) No *caldarium*, as impressões também evidenciam o padrão Q2, contudo com dimensões superiores, correspondendo ao tamanho padrão do pé romano de 29.6 cm, em contraste com os 20.6 cm do exemplo anterior; (3) No *apodyterium*, mais de 100 ladrilhos triangulares foram encontrados *in situ*, organizados em fileiras paralelas, alternando entre as cores preto (betume) e rosa (calcito-alabastro).

Snyder (2021) defende que, provavelmente pelo formato não padronizado dos triângulos utilizados por Herodes no *apodyterium*, designado por ela como “triângulo herodiano”, não houve reciclagem comercial dessas peças.<sup>39</sup> O “triângulo herodiano” se diferencia do padrão romano por uma leve variação nos ângulos, permitindo que o triângulo se encaixe dentro de um quadrado, com a base sendo igual à altura (Snyder, 2021).

A ausência de reciclagem comercial desse formato, devido à sua singularidade, torna-o uma chave para a comparação de padrões herodianos. Esse aspecto será aprofundado, ao se tratar do Templo de Herodes.

É importante destacar o comentário de Netzer (2006, p. 33) sobre esses três ambientes de Masada. De acordo com suas escavações, inicialmente os espaços eram pavimentados com mosaicos comuns. Contudo “os pisos de mosaico [...] foram posteriormente substituídos por pavimentos de *opus sectile*, com um design diferente em cada espaço”<sup>40</sup>. Para o autor: “Durante o reinado de Herodes, talvez como

---

<sup>37</sup> O autor Garrett G. Fagan, no artigo: “Genesis of the Roman Public Bath: Recent Approaches and Future Directions” (2001), considera que as Casas de Banho romanas eram compostas por algumas salas. Cada uma desempenhava uma função específica no processo de banho e sauna. As três principais, cujas funções eram o controle do processo de graduação de calor, eram o *frigidarium*, *tepidarium* e o *caldarium*. Outros ambientes secundários seriam a *palaestrae*, para exercícios, a *sudatoria*, *districtaria*, *sphaeristeria* e a *piscinae*. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/507363?read-now=1&seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/507363?read-now=1&seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em 21, mar. 2024.

<sup>38</sup> “In the Large Bathhouse adjacent to the Northern Palace at Masada, evidence of *opus sectile* tiles [...] was found in three rooms.” (Netzer, 2021, p. 5).

<sup>39</sup> “It seems that during the Herod’s reign, perhaps as a result of the arrival from abroad of a team of expert floor layers, a new floor was laid in this bathhouse, evidently due to a change in fashion” (Netzer, 2018, p. 95).

<sup>40</sup> “the mosaic floors [...] were later replaced with *opus sectile* floors, with a different design in each room.” (Netzer, 2006, p. 33).

resultado da chegada de uma equipe de especialistas em pavimentação vinda do exterior, um novo piso foi instalado nesta casa de banho, evidentemente em função de uma mudança de estilo” (Netzer, 2018, p. 95)<sup>41</sup>. Em consonância com a tese de Netzer (2006), nos palácios de Jericó, onde também se encontram “triângulos herodianos”, presume-se que havia o que há de mais deslumbrante condizente a *opus sectile* em Israel. Nítidas impressões na argamassa no grande hall do Palácio de Inverno, uma área de 29 m por 19 m, evidenciam a pavimentação por *opus sectile*, embora nenhum fragmento tenha sido achado *in situ* (Dunbabin, 1999). Considerando essas medidas, esse *triclinium*, uma sala de jantar e recepção, foi o maior do período pré-romano ou romano já erigido na Terra de Israel (Netzer, 2006). Sobre esse hall (denominado Hall B70), Netzer (2018) afirma que, assim como em Masada, uma equipe enviada por Roma, composta de habilidosos artistas, contribuiu para a construção. Esses profissionais não trabalharam como uma equipe separada, mas se integraram aos trabalhadores locais, ajudando e ensinando as técnicas italianas.<sup>42</sup>

É importante destacar que esse padrão extenso é inédito no centro do *triclinium*, por não possuir até o momento nenhum paralelo no mundo romano (Snyder, 2020). O padrão consiste em uma estrela de quatro pontas, repetida inúmeras vezes, formando um belo e complexo mosaico. A estrela de quatro pontas seria o padrão encontrado dentro do quadrado central do modelo, mencionado anteriormente como Q2SQ. Dois outros locais que contribuem para o estudo do *opus sectile* herodiano são o *caldarium* no palácio de Cyprus e a Grande Casa de Banho da área de *Herodium* Inferior. O primeiro espaço, quase que exclusivamente coberto por *opus sectile* de mármore importado, continha um *emblema* de 16 quadrados, no padrão Q3. Sendo um dos padrões mais populares da Era de Augusto, em vilas privadas e palácios imperiais romanos, essa mesma afirmação pode ser feita em relação aos materiais utilizados (Avraham; Snyder, 2013). Em *Herodium*, os mesmos padrões dos

---

<sup>41</sup> “It seems that during the Herod’s reign, perhaps as a result of the arrival from abroad of a team of expert floor layers, a new floor was laid in this bathhouse, evidently due to a change in fashion” (Netzer, 2018, p. 95).

<sup>42</sup> Além de Jericó, Netzer (2006, p. 57) afirma que as construções herodianas em Baniyas e em Jerusalém também passaram por esse processo, devido às técnicas do *opus reticulatum* e *opus quadratum* que, de acordo com o autor, são inéditas na terra de Israel. Sua tese encontra aparato histórico no episódio relatado por Flávio Josefo, no livro *Antiquities of the Jews*. A visita de Marcus Agrippa (responsável por muitos dos projetos arquitetônicos em Roma) a Israel, a convite de Herodes (c. 15 a.C). De acordo com Flávio Josefo, Herodes leva Agrippa pelas principais construções erigidas por ele próprio, cujo clímax é alcançado na visita a Jerusalém. Netzer atesta após essa visita que Agrippa ficou altamente impressionado, e que, possivelmente, por isso enviou especialistas à Judeia.

“triângulos herodianos” intercalados de Masada foram achados, contudo eram de tamanho e base maiores, correspondendo a um pé romano (Snyder, 2021).

### **3.2.2 Machaerus, Cesareia, Baniás e Tiberias: um reflexo da elitização dos espaços**

As escavações em Machaerus revelaram o uso do *opus sectile* no padrão Q2 no *caldarium* (casa de banho quente). Da mesma forma, em Cesareia foram identificados aproximadamente 600 ladrilhos ou fragmentos que poderiam ter sido utilizados com o mesmo propósito. Em Baniás, na construção conhecida como *Opus Reticulatum Building*, foram encontrados cerca de 170 ladrilhos de *opus sectile* (Snyder, 2021). Diferentemente do padrão romano mais comum, que consiste em um octógono com cada lado adjacente a um triângulo, formando uma estrela de oito pontas dentro de um quadrado, este padrão apresenta um paralelo em Herculano, nas *Casas dei Cervi e dell’Alcova* (Snyder, 2020). Em Tiberias, acredita-se que o palácio de Herodes Antipas também apresente um padrão semelhante ao da *Casa dello Scheletro* em Herculano, configurando outro exemplo do padrão Q2.

Assim, observa-se que, nestas regiões, o espaço social foi transformado pela introdução dos pavimentos *sectile*, uma técnica que, mesmo em Roma, conforme aponta Dunbabin (1999), já refletia uma elitização natural. Ao adotar essas técnicas, Herodes, o Grande, promoveu um ato de valorização do espaço, especialmente nas regiões de Baniás e Cesareia, onde os palácios e residências foram construídos para homenagear os imperadores de seu tempo (Netzer, 2006).

### **3.2.3 Templo de Herodes: reforma e inovação**

Equiparado apenas ao porto de Cesareia, o Segundo Templo de Jerusalém representa o ápice das realizações arquitetônicas de Herodes (Netzer, 2006). Indubitavelmente, é uma estrutura que instiga um profundo senso de orgulho entre os judeus: “Quem não viu Jerusalém em seu esplendor, não presenciou uma cidade de maior magnificência em sua vida. Quem não contemplou o *Bet Hamikdash* [o Templo], não conheceu construção mais bela!” (Guinsburg, 1967, p. 251). No entanto, no local onde se presume ter estado o Templo há mais dois mil anos, atualmente se avista o Domo da Rocha. Em razão das problemáticas político-religiosas, as quais não são objeto desta pesquisa, as atividades de escavação arqueológica no local estimado

para a existência do Templo são inviáveis. Não obstante, por meio do *Sifting Project*, tornou-se possível a realização de trabalhos arqueológicos, mesmo que distante da esplanada do Templo. O *Sifting Project* foi uma operação arqueológica iniciada entre 1999 e 2001 no vale de *Qidron*, que possibilitou o peneiramento do solo removido da região do monte do Templo, a fim de recolher a cultura material judaica, que se desenvolveu nas imediações do Templo (Barkay; Dvira, 2021, p. 1).

Devido ao processo de peneiramento e às dificuldades enfrentadas durante as escavações, não foram preservadas as impressões na argamassa, tornando mais complexa a reconstrução dos padrões geométricos relacionados aos pisos do Templo. Contudo, aproximadamente 100 ladrilhos e fragmentos de *opus sectile* foram identificados como sendo possivelmente do período herodiano (Snyder, 2021, p. 12). Por esse motivo, a procura pelos padrões geométricos no Templo de Herodes foi um processo estritamente de comparações. Nessa busca comparativa, Snyder (2021, p. 16) destaca a importância dos “triângulos de Herodes”, os quais:

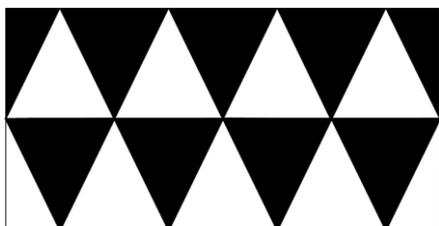
[...] foram a chave para desvendar os enigmas do quebra-cabeça e compreender como os ladrilhos foram utilizados nos padrões de *opus sectile* no Monte do Templo. Para cada padrão, uma única peça do quebra-cabeça, que, quando comparada aos padrões presentes nos palácios herodianos e aos padrões romanos tradicionais, apresentava a solução para o enigma do quebra-cabeça.<sup>43</sup>

Com o uso dos “triângulos herodianos” de tamanhos e cores diferentes, e quando justapostos com triângulos de ângulos distintos, a equipe de escavação identificou as seguintes possibilidades de padrões geométricos: (1) Os “triângulos herodianos” intercalados (Figura 2), semelhantes aos de Masada, caracterizavam-se pelas cores preto (betume) e rosa (calcita-alabastro); (2) Observou-se uma alteração no padrão romano popular conhecido como Q2SQ, que incorporava os “triângulos herodianos” (Figura 3); (3) Uma variação no padrão popular romano de catavento, referido anteriormente como QOM (Figura 4), sem precedentes no contexto herodiano; (4) Uma estrela de oito pontas (quatro delas compostas por triângulos

<sup>43</sup> “Herod’s triangle” were the key to unlocking the picture-puzzle enigmas to understand how the tiles were utilized in *opus sectile* patterns on the Temple Mount. For each pattern, one single puzzle piece, when compared to patterns in Herodian palaces and standard Roman patterns, presented a solution to the picture-puzzle enigma” (Snyder, 2021, p. 16).

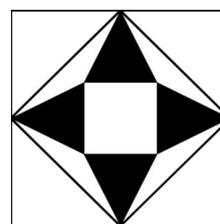
herodianos) partindo de um quadrado (Figura 5), representando uma variação de dois padrões romanos populares, designados por Guidobaldi (2009) como QpSQ e Q3p.

**Figura 2-** Triângulos herodianos intercalados



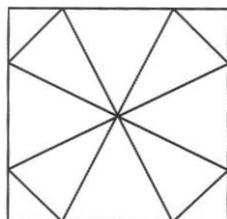
Fonte: Acervo pessoal cedido por Snyder (2023).

**Figura 3-** Variação do padrão Q2SQ



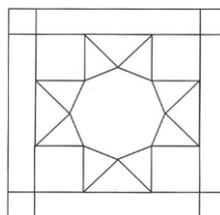
Fonte: Snyder (2021, p. 14)

**Figura 4-** Variação do padrão QOM



Fonte: Acervo pessoal cedido por Snyder (2023).

**Figura 5-** Estrela de oito pontas



Fonte: Snyder (2023).

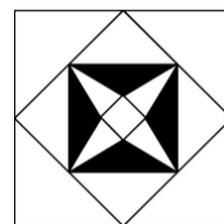
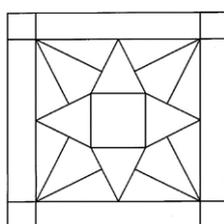
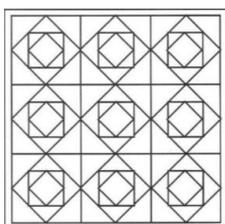
Além dos “triângulos herodianos”, outros três padrões plausíveis com base nas comparações entre os ladrilhos e fragmentos foram identificados: (1) O padrão romano Q4, caracterizado por suas dimensões não padronizadas, devido à borda de  $\frac{1}{8}$  de um pé romano, consistia em um *emblemata* de 3x3 (Figura 6), similar ao padrão 4x4 encontrado no *caldarium* de Chipre; (2) O padrão Q3SQ, que possui um quadrado a mais que o Q2SQ, contudo sem os “triângulos herodianos” (Figura 8); (3) Um padrão romano popular que forma uma estrela de oito pontas a partir de um octógono (Figura 7), análogo ao encontrado em Banias.

Dessa forma, sob o reinado de Herodes, o Grande, como apontado por Marshak (2015), a Judeia testemunhou uma intensa romanização, especialmente evidente na arquitetura. Herodes buscava não apenas demonstrar a própria grandeza, mas também integrar a Judeia ao mundo romano, promovendo a romanização cultural e arquitetônica da região. As escavações em sítios construídos por Herodes, lideradas por arqueólogos como Ehud Netzer, fornecem uma perspectiva clara desse fenômeno.

Entre as características peculiares destaca-se a presença de ladrilhos de *opus sectile*, encontrados *in situ*, em fragmentos ou através das marcas deixadas nas argamassas.

**Figura 6-** Padrão Q2 num emblema 3x3 **Figura 7-** Estrela de oito pontas  
Q2SQ sem triângulos herodianos

**Figura 8-** Padrão



Fonte: Snyder (2023)

Por meio do *Sifting Project* foi possível realizar um trabalho arqueológico no Monte do Templo, mesmo que de forma indireta, resultando na descoberta de resquícios de *opus sectile*. Com isso, Snyder iniciou sua carreira, dedicando-se à reconstrução dos pisos de *opus sectile* no Segundo Templo de Jerusalém, a obra mais audaciosa de Herodes, o Grande.

De forma semelhante ao *Sifting Project* e reconhecendo a importância histórica e cultural do Segundo Templo, o MAB elaborou uma reprodução dos pavimentos herodianos de *sectile* que decoravam o Templo. Conforme mencionado na introdução deste estudo, toda a análise historiográfica realizada até o momento visa destacar a relevância material dessa reprodução, uma vez que ela facilita o diálogo entre o mundo acadêmico e a comunidade, aproximando temas antes inexplorados ao público de língua portuguesa. Na próxima seção, abordaremos o processo envolvido nessa reconstrução, destacando os desafios enfrentados e as decisões fundamentadas em estudos interdisciplinares envolvendo história, arte, arquitetura e arqueologia.

#### **4. Reconstrução de piso do Segundo Templo: pesquisa, interdisciplinaridade e criatividade**

O Museu de Arqueologia Bíblica (MAB/UNASP) é uma instituição localizada no Centro Universitário Adventista de São Paulo, campus Engenheiro Coelho. Fundado em 2000, o museu abriga aproximadamente três mil objetos arqueológicos que fazem referência ao contexto bíblico, cobrindo um período de cerca de 4500 anos de história

(da Idade do Bronze Antigo (3300 a.C.) ao século 16 d.C.). A coleção teve início com a doação pessoal do arqueólogo Dr. Paulo Franz Bork e foi ampliada gradualmente por meio de novas doações e aquisições. O acervo inclui artefatos provenientes de diversas regiões, como Egito, Síria, Líbano, Jordânia, Inglaterra, Itália, Portugal, Grécia, Iraque e Israel.

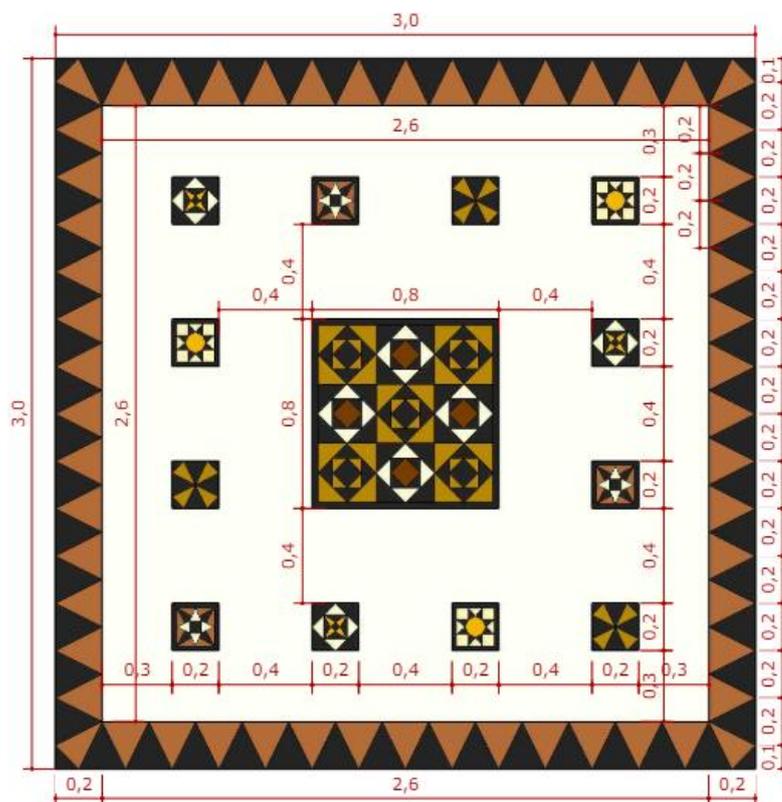
O Museu de Arqueologia Bíblica (MAB) tem como missão promover o estudo da historicidade da Bíblia, privilegiando ações de preservação, investigação e comunicação de acervos arqueológicos relacionados ao contexto bíblico. O museu busca estimular a sociedade à reflexão crítica e ao aprofundamento do conhecimento sobre o cristianismo, suas origens e cultura. Nesse contexto, o MAB destaca-se como o único equipamento cultural da América Latina dedicado exclusivamente a essa temática.

Em 2022, a instituição acadêmica deu início à construção de instalações físicas dedicadas ao Museu de Arqueologia Bíblica (MAB), concluídas no ano seguinte. Como parte integrante do projeto arquitetônico e da narrativa expográfica, o museu incorporou as descobertas relacionadas à área do piso do Templo de Jerusalém, obtidas por meio do *Sifting Project*. A técnica *opus sectile* foi empregada para recriar, no foyer do museu, um piso inspirado nas evidências arqueológicas encontradas em Jerusalém.

Estrategicamente posicionado na entrada do museu, o piso tem uma função educativa, ao apresentar elementos da teoria da arqueologia e da cultura material. Na narrativa expográfica, o piso cumpre uma função didática, ao demonstrar como "pedras cortadas" (*opus sectile*) podem ilustrar o processo de escavação, investigação e identificação de elementos artístico-arquitetônicos, como mosaicos. Esses mosaicos, ao longo da história, têm sido utilizados como símbolos de poder e domínio (Dunbabin, 1999; Snyder, 2021).

A reconstrução do piso foi realizada sob orientação da Universidade Bar-Ilan, de Israel. Foram investigados os padrões dos ladrilhos do período, com suas composições e formas geométricas no estilo romano, características comuns ao primeiro século, conforme discutidas. O piso do MAB (Figura 9) reproduz esses padrões, utilizando pedras coloridas cortadas, segundo a técnica antiga.

**Figura 9-** Projeto de Piso do Museu de Arqueologia Bíblica (MAB/UNASP)



Fonte: Acervo pessoal cedido pelo Departamento de Projeto do UNASP

Durante o processo de construção do piso, tivemos dificuldade para encontrar no Brasil pedras semelhantes às descobertas nas escavações em Jerusalém. A equipe de pesquisa do Museu de Arqueologia Bíblica (MAB), em colaboração com o departamento de obras e arquitetura do Centro Universitário Adventista de São Paulo, realizou um trabalho de curadoria para identificar alternativas para a reconstrução do piso, buscando aproximar-se das pedras originais encontradas em Jerusalém.

Algumas vezes, as pedras eram bastante semelhantes às utilizadas por Herodes, o Grande; em outros casos, embora próximas em cor, não coincidiam em design e textura. Um exemplo disso foi o azulejo de Banias (Figura 10), que apresentava uma cor creme e pedras rosadas em uma matriz verde-escura. No entanto, essas pedras não estavam disponíveis no solo sul-americano. Optou-se, então, pelo uso da pedra conhecida como "verde guatemala" (Figura 11), que apresentava aparência semelhante e proporcionava um visual próximo ao da pedra original. Na primeira coluna, estão as pedras originais utilizadas por Herodes, o Grande, na construção, enquanto na segunda coluna figuram as pedras utilizadas pelo MAB em sua reconstrução.

**Figura 10-** Fragmento de azulejo de Baniyas



Fonte: Snyder (2023)

**Figura 11-** Mármore verde guatemala



Fonte: Acervo do MAB

**Quadro 1- Comparação de pedras utilizadas por Herodes e a reconstrução de piso do MAB**

<b>Pedras utilizadas por Herodes</b>	<b>Pedras utilizadas para reconstrução de piso do MAB</b>
<i>Pink Limestone</i>	Pedra Rojo Alicante
<i>Breccia Bruna Pavonazza</i>	Granito Preto Absoluto
<i>Giallo Antico</i>	Pedra Perlino Bianco
<i>Calcite Alabaster</i>	Granito Amarelo
<i>Breccia Corallina</i>	Pedra Rosa Coral
<i>Bracci adi Aleppo</i>	Branco Especial

Fonte: Elaborado pelos autores

Para a construção do piso de Israel na exposição temporária “Herodes, o Grande” (2013-2024), foram utilizados dois padrões descobertos em escavações em Jerusalém: o padrão Q2, situado no centro, cercado pelo padrão de quadrados alternados na área externa (Figura 12). No centro, havia um emblema correspondente ao padrão Q3. Para a construção do piso do MAB, optamos por utilizar diferentes padrões *sectile* com módulos quadráticos, explorando mais a técnica e a estética típica dos pisos romanos. No centro, o padrão Q4 está presente, cercado por quatro outros padrões: Q3SQ, Q2SQ, QOM e uma estrela de oito pontas (Figura 7), que juntos compõem o mosaico (Figura 9). Para fins estéticos, distanciamos os padrões quadráticos com uma pedra maior de cor creme. Geralmente, os pisos romanos uniam todos os quadrados em todo o mosaico, como é o caso do piso de Herculano (Figura 13).

**Figura 12-** Piso da Exposição “Herodes, o Grande”



Fonte: Museu de Israel  
público

**Figura 13-** Piso de Herculano



Fonte: Escavações de Herculano, domínio público

Não dispomos de informações precisas sobre a localização exata em que o rei Herodes utilizou pisos como os mencionados na região do Templo de Jerusalém. No entanto, é provável que tais pisos tenham sido empregados em áreas cobertas por telhados, visando proteger o chão das intempéries. Locais potenciais para sua utilização incluem a Basílica Real (localizada à esquerda do Templo), os pórticos nas partes norte, leste e oeste do complexo, além das câmaras cobertas adjacentes ao Templo e, possivelmente, até mesmo no próprio edifício do Templo<sup>44</sup>.

Considerando a influência romana em Jerusalém, é razoável supor que diversos pisos de mosaico, como os descritos, com pedras coloridas e geométricas, estivessem intercalados entre os muitos pisos de calcário locais, que tinham superfícies lisas e cor creme. Essa prática de utilizar mosaicos elaborados não apenas refletia um padrão estético elevado, mas também evidenciava a romanização da arquitetura e da cultura em toda a Judeia.

## 5. Considerações finais

Tendo em vista toda discussão fomentada por este estudo, torna-se evidente a indiscutível relevância dos pisos *sectile* como um elemento estruturador das dinâmicas sociais, políticas e religiosas, tanto no território romano quanto na Judeia, onde a romanização foi efetivada por meio de Herodes, o Grande. A construção de salas públicas em palácios, casas de banhos e outros pavimentos em templos, com a presença dos mosaicos *opus sectile*, representa um ostensivo indício da política de

<sup>44</sup> SNYDER, Frankie. Entrevista concedida ao Departamento de Pesquisa do Museu de Arqueologia Bíblica (MAB/UNASP). Mensagem eletrônica, 2023.

Herodes como rei-cliente, o qual tentava agradar e atrair o favor romano (Marshak, 2015). Ao mesmo tempo, a apropriação da técnica romana em solo israelita constitui uma elitização do espaço, dado que a utilização das técnicas *sectile* era ausente entre as camadas populares.

Entretanto, Herodes, o Grande, vai além em seus empreendimentos, pois não apenas introduz a técnica arquitetônica em solo estrangeiro, como também inova a técnica romana ao implementar importantes modificações. Entre estas, enumeram-se: (1) o “triângulo herodiano”, que se diferencia do padrão romano por uma leve variação nos ângulos; (2) alterações no padrão romano popular do tema Q2SQ; e (3) o caráter inédito do padrão extenso de *sectile* no centro do *triclinium*, que não possui paralelo no mundo romano (Snyder, 2020).

O trabalho realizado pelo Museu de Arqueologia Bíblica na reconstrução do piso herodiano do Segundo Templo é uma iniciativa pioneira, ao expor temas relacionados à arte, história e cultura desse período, materializando uma parte “invisível” da história. A reconstrução, de maneira didática, constitui um valioso recurso para refletir sobre a teoria arqueológica e a cultura material, dentro de uma abordagem interdisciplinar que facilita o diálogo entre a comunidade e o mundo acadêmico. Além disso, essa reconstrução materializa, de certa forma, a memória do Templo de Jerusalém, um local sagrado para a tradição judaico-cristã, que foi palco de muitos eventos narrados na Bíblia. Alinhada à missão institucional do MAB, essa exposição pode servir como uma ponte para novas pesquisas e um aprofundamento do conhecimento arqueológico.

Os registros arqueológicos do Templo de Jerusalém, embora escassos e fragmentados, indicam o uso de *opus sectile* na região. Esses pequenos fragmentos foram reconstruídos por meio da comparação com outros achados arqueológicos de pavimentos *sectile* em locais como Cesareia, Banias, Jericó e outras áreas da Judeia. O padrão geométrico herodiano que ajudou a validar os fragmentos *sectile* do Templo foi o chamado “triângulo herodiano”. Além disso, a pesquisa sustentou a tese de que esses ladrilhos provavelmente estavam localizados na parte coberta da Basílica Real do Templo, conforme sugere Snyder (2021).

No que se refere a essa questão, uma problemática pode ser suscitada para futuros estudos: houve um processo de romanização do espaço sagrado e interno do Templo? De que modo tal processo poderia não gerar uma série de revoltas das

classes religiosas judaicas vigentes? Considerando que, no período Helenístico Tardio (167 a.C.), observamos um processo de helenização do Templo por Antíoco Epifânio IV, que culminou em uma revolta massiva na região, almejamos estimular pesquisas futuras que contemplem essas e outras questões.

## Referências bibliográficas

ANGELELLI, C. **Per un corpus dei pavimenti di Roma e del Lazio**. Roma: Sapienza Università Editrice, 2016.

ARMSTRONG, K. **Jerusalém: uma cidade, três religiões**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

AVRAHAM, A.; SNYDER, F. The Opus Sectile Floor in a Caldarium of the Palatial Fortress at Cypros. In: NETZER, E. **Hasmonean and Herodian Palaces at Jericho, Final Reports of the 1973–1987 Excavations**. Jerusalem: The Israel Exploration Society, 2013.

BITTENCOURT, José. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. v. 8/9. p. 151-174 (2000-2001). Editado em 2003.

BARKAY, G; DVIRA, Z. Jerusalem, The Temple Mount Sifting Project. **Hadashot Arkheologiyot: Excavations and Surveys in Israel / חדשות ארכיאולוגיות: חפירות** / וסקרים בישראל, vol. 133, 2021. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27131715>. Acesso em: 4 abr. 2024.

COUSSENS, B. **Acts of Display: Identity and Rome in Herodian Palestine**. 2014. Dissertação (Mestrado em Artes) - University of North Carolina at Chapel Hill Graduate School, deChapel Hill, NC, 2014. Disponível: <<https://doi.org/10.17615/c379-1m44>>. Acesso em: 9 abr. 2024.

DUNBABIN, K.M.D. **Mosaics of the Greek and Roman World**. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1999.

DVIRA, Z; SNYDER, F. What the temple mount floor looked like. **Biblical Archeology Review**. v. 42, p. 56-59, 2016. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/311438875\\_What\\_the\\_temple\\_mount\\_floor\\_looked\\_like](https://www.researchgate.net/publication/311438875_What_the_temple_mount_floor_looked_like) > Acesso em: 10 fev. 2024.

FISHER, P. **Mosaic: History and Technique**. London: Thames and Hudson, 1971.

GUIDOBALDI, F. Sectilia pavimentata tardoantichi e paleocristiani a piccolo modulo dell'Italia Settentrionale. **Rivista di Archeologia Cristiana**, n. 85, p. 355-410, 2009. Disponível em: [https://www.academia.edu/7451986/Sectilia\\_pavimenta\\_tardoantichi\\_e\\_paleocristiani\\_a\\_piccolo\\_modulo\\_dellItalia\\_Settentrionale](https://www.academia.edu/7451986/Sectilia_pavimenta_tardoantichi_e_paleocristiani_a_piccolo_modulo_dellItalia_Settentrionale). Acesso em: 21 mar. 2024.

GUIDOBALDI, F. Sectilia pavimenta e incrustationes: I rivestimenti policromi pavimentali e parietali in marmo o materiali litici e litoidi dell'antichità romana. In FIRENZE, A. G. **Eternità e nobiltà di materia. Itinerario artistico fra le pietre policrome**, 2003, p. 15-75.

GUIDOBALDI, M. P. **The House of the Telephus Relief in Herculaneum: the building history of na aristocratic domus. Contested spaces**, 311-325, 2012.

Disponível em:

<[https://www.academia.edu/30101341/The\\_House\\_of\\_the\\_Telephus\\_Relief\\_in\\_Herculaneum\\_the\\_building\\_history\\_of\\_an\\_aristocratic\\_domus](https://www.academia.edu/30101341/The_House_of_the_Telephus_Relief_in_Herculaneum_the_building_history_of_an_aristocratic_domus)>. Acesso em: 21 Mai. 2024.

GUINSBURG, J. **Histórias do Povo da Bíblia**: Relatos do Talmud e do Midrasch. São Paulo: Perspectiva, 1967.

HOLZAPFEL, R. N. King Herod. **Brigham Young University Studies**, Vol. 36, No. 3, Masada and the World of the New Testament, p. 35-73, 1996. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43044117>. Acesso em: 31 jan. 2023.

JACOBSON, D. Three Roman Client Kings: Herod of Judaea, Archelaus of Cappadocia and Juba of Mauretania. **Palestine Exploration Quarterly**, v. 133, p. 22-38, 2001. Disponível em:

<[https://www.academia.edu/40229500/Three\\_Roman\\_Client\\_Kings\\_Herod\\_of\\_Judaea\\_Archelaus\\_of\\_Cappadocia\\_and\\_Juba\\_of\\_Mauretania](https://www.academia.edu/40229500/Three_Roman_Client_Kings_Herod_of_Judaea_Archelaus_of_Cappadocia_and_Juba_of_Mauretania)>. Acesso em: 25 fev. 2024.

JEREMIAS, J. **Jerusalém no tempo de Jesus**: pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário. Santo André: Paulus, 2010.

MARSHAK, A. K. **The Many Faces of Herod the Great**. Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 2015.

McCLENDON, C. B. The Revival of Opus Sectile Pavements in Rome and the Vicinity in the Carolingian Period. **Papers of the British School at Rome**, vol. 48, p. 157-65, 1980. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/40310772>>. Acesso em: 21 fev. 2024.

NETZER, E. **The Architecture of Herod, the Great Builder**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2006.

NETZER, E. **The Palaces of The Hasmoneans and Herod the Great**. Jerusalem: The Israel Exploration Society, 2018.

REDE, Marcelo. História e cultura material. **Novos domínios da história**, v. 1, p. 133-150, 2012.

REGEV, E. Herod's Jewish Ideology Facing Romanization: On Intermarriage, Ritual Baths, and Speeches. **The Jewish Quarterly Review**, v. 100, n. 2, 2010. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20750700>. Acesso em: 9 abr. 2024.

ROLLER, D. W. **The Building Program of Herod the Great**. Berkeley, California: University of California Press, 1998.

SCHAMA, S. A. **História dos Judeus**: à procura das palavras 1000 a.C. - 1492 d.C. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SNYDER, F. Commercial Salvaging of Herodian Opus Sectile tiles and the Picture-Puzzle Enigma. **Near East Archeological Society**, vol 66, 2021. Disponível em: <[https://www.academia.edu/67998984/Commercial\\_Salvaging\\_of\\_Herodian\\_Opus\\_Sectile\\_Tiles\\_and\\_the\\_Picture\\_Puzzle\\_Enigma](https://www.academia.edu/67998984/Commercial_Salvaging_of_Herodian_Opus_Sectile_Tiles_and_the_Picture_Puzzle_Enigma)>. Acesso em: 25 fev. 2024.

SNYDER, F. The Geometry of The Geometry of King Herod's *Opus Sectile* Floors, **Journal of the Institute of Archaeology of Tel Aviv University**, 47:1, 119-135, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03344355.2020.1707450> Acesso em 5 mar. 2024.

SUETÔNIO; AUGUSTO. **A vida e os feitos do divino Augusto**. Trad. De Matheus Trevizam, Paulo Sérgio Vasconcellos, Antônio Martinez de Rezende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

TOGNINI, E. **O Período Interbíblico**: 400 anos de silêncio profético. São Paulo: Hagnos. 2009.

TALGAM, R. PELEG, O. **Mosaic Pavements in Herod's Day**. In: Netzer, E., ed. The Architecture of Herod the Great Builder. Grand Rapids: P. 377–383, 2006.

WALLACE-HADRILL, A. **Houses and Society in Pompeii and Herculaneum**. New Jersey: Princeton, U.P, 1994.

WEISS, Z. Building for mass entertainment: Tradition and Innovation in Herodian Construction. **Near Eastern Archaeology**, v. 77, n. 2, p. 98-107, 2014. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/10.5615/neareastarch.77.2.0098>>. Acesso em: 9 abr. 2024.

WESTGATE, R. C. Space and Decoration in Hellenistic Houses. **The Annual of the British School at Athens**, vol. 95, p. 391–426, 2000. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/30103442>. Acesso em: 21 fev. 2024.

ZEITLIN, S. A Malevolent Maniac. **The Jewish Quaterly Review**. v. 54, n 1, 1963, University of Pennsylvania Press. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1453457>. Acesso em: 9 abr. 2024.